

Reunião do Conselho Universitário de 12-12-2017

Encerro aqui minha participação no Conselho Universitário da USP.

Tive a elevada honra de presidir a esse Conselho por quatro anos, como parte de meus encargos como Reitor. Foram 36 reuniões, número que supera ao dos outros mandatos que me antecederam. Neste período, o Conselho Universitário e os demais órgãos colegiados reassumiram seu *papel central no processo decisório* da universidade. Todas as decisões foram aprovadas com maioria ampla de votos: a USP mudou radicalmente com apoio expressivo dos conselheiros.

Abolimos as listas tríplexes para *escolha de diretores e vice-diretores* das faculdades, institutos especializados e museus, que são agora eleitos diretamente pela sua comunidade, fortalecendo a legitimidade do processo. Ao mesmo tempo, as eleições para as presidências de comissões das unidades ficaram mais racionais, permitindo a formação de “equipes de gestão”.

Da mesma forma todos os servidores (docentes e não docentes) e discentes passaram a escolher os seus representantes pelo *voto direto e eletrônico*. Acabaram-se as eleições por delegados, controladas por pequenos grupos ou sem a necessária transparência.

A universidade defendeu sua autonomia, ao superar a mais profunda crise financeira de sua história, protegendo-se, assim, da insolvência financeira, que ocorreria se não conseguisse mais honrar os salários de ativos e aposentados, com conseqüente perda da autonomia conquistada há quase trinta anos.

Garantimos, ainda, o *futuro de nossa autonomia*, criando uma *controladoria* (inédita entre as universidades brasileiras) e uma “*lei de responsabilidade fiscal*”: os parâmetros de sustentabilidade econômico-financeira, que impedem que, no futuro, se repita o desastre de gastarmos mais do que arrecadamos.

Reforçamos, ainda, a autonomia universitária, ao rejeitar todas as tentativas de *intervenção externa* na vida e na supremacia do Conselho Universitário, como ocorreu em anos precedentes,

quando o Conselho foi submetido a constrangimentos, invasões e obstruções de seu funcionamento, que restringiram sua liberdade.

Mudamos radicalmente o processo de acesso aos nossos cursos de graduação, com a abertura para o Enem. Nestes quatro anos a USP fez o maior progresso de sua história em sentido da inclusão social e étnica. O perfil de nossos estudantes mudará sensivelmente, para benefício da sociedade paulista e vantagem dos nossos próprios estudantes, que serão formados em um ambiente mais diversificado.

Mais de vinte cursos realizaram reformulações expressivas em seus projetos pedagógicos que foram implantadas rapidamente, em virtude da simplificação modificações curriculares. Em 2017 criamos dois cursos de sucesso: um de Biotecnologia na USP Leste, e um novo curso de Medicina, em Bauru, que teve 105 candidatos por vaga em seu primeiro vestibular.

Criamos o Escritório de Desenvolvimento de Carreiras e os Centros de Aperfeiçoamento Didático; promovemos os congressos de graduação e as atividades esportivas e culturais como parte da educação, integração e socialização. Aumentamos os gastos com permanência e formação estudantil, apesar das dificuldades financeiras.

Reformulamos e expandimos as responsabilidades da Comissão de Direitos Humanos, criamos o escritório USP-Mulheres, fomos escolhidos pela ONU para participar da iniciativa He-for-She pela igualdade de gêneros, acabamos com os trotes violentos, adotamos tolerância zero com a discriminação de gênero e as agressões covardes contra as mulheres. Aumentamos a proteção de nossos estudantes, professores, funcionários técnicos e administrativos, e de todos os que nos visitam, implantando o Programa USP Segura, sob supervisão da Comissão de Direitos Humanos, que reduziu sensivelmente a criminalidade na Cidade Universitária na Capital e nos seus arredores.

Fizemos a mais abrangente e inovadora reforma dos sistemas de avaliação institucional e individual. Aprovamos um sistema

flexível, que se implantará gradativamente com participação da própria comunidade, que leva em conta a diversidade de nossas unidades acadêmicas e a vocação de cada membro do corpo docente.

Finalmente, promovemos uma eleição para escolha dos novos reitor e vice-reitor que transcorreu na mais absoluta tranquilidade e com plena liberdade, distinguindo-se das eleições anteriores caracterizadas por tensões, agitações e invasões. Pela primeira vez empregamos uma votação eletrônica moderna, simples, confiável e passível de ser auditada. O resultado foi uma participação ampla de votantes, com abstenção de apenas 7%, num processo caracterizado pela absoluta privacidade do eleitor.

Temos em consequência, dois novos dirigentes escolhidos segundo nosso Estatuto, nomeados pelo Governador cumprindo sua responsabilidade legal, que assumirão seus mandatos em 25 de janeiro de 2018, quando a USP completa 84 anos.

* * * * *

Quero, pois, *agradecer* a todos que apoiaram e viabilizaram essa gestão. Primeiramente o Vice-reitor Vahan Agopyan, que dividiu comigo as responsabilidades maiores, sempre comportando-se com lealdade, ética e dedicação. Quero também agradecer ao Prof. Ignacio Maria Poveda Velasco e aos servidores da Secretaria Geral, que viabilizaram as reuniões e os fluxos de documentos dos altos colegiados, com reconhecida eficiência. Sou imensamente grato aos seis professores e professoras que durante os quatro anos ocuparam as posições de Pró-reitores: Antonio Carlos Hernandez, Bernadete de Melo Franco, Carlos Gilberto Carlotti Jr., José Eduardo Krieger, Maria Arminda Nascimento Arruda, e Marcelo Roméro. Da mesma forma, prestaram relevantes serviços à USP os Pró-reitores adjuntos, superintendentes, procuradores-gerais, chefes de gabinete, coordenadores da Codage, prefeitos dos *campi*.

A USP depende da dedicação, boa vontade e compromisso ético de seus docentes, e dos convidados externos que nos auxiliam na gestão, como os membros da Comissão de Ética, presidida pelo

Prof. Renato Janine Ribeiro, a Professora Maria Hermínia Tavares de Almeida, Ouvidora da USP, e o ministro José Gregori, presidente da Comissão de Direitos Humanos.

Nenhuma ação eficiente teria sido possível sem a parceria dos diretores de faculdades, institutos especializados e museus. Sou imensamente grato à atenção de que sempre fui alvo, e da amizade que muitos me dedicaram. Durante quatro anos, numerosos professores, estudantes e funcionários técnicos e administrativos colaboraram diretamente comigo, em discussões, comissões, dando sugestões, promovendo iniciativas, e executando atividades as mais diversas.

Minhas amigas, meus amigos,

Deixo este conselho, confiante de que continuará sua missão de mais de 80 anos, vigilante ao futuro e à sua autonomia da USP. Juntos controlamos o grande risco da insolvência financeira. Devemos estar alertas, agora, para duas ameaças que se delineiam, pois podem pôr novamente em perigo a autonomia de instituição: a *intolerância* e a instalação de *grupos de oposição* atuando sistematicamente contra a orientação do reitor legitimamente eleito.

O perigo é particularmente proeminente no próximo ano, em virtude das eleições no país, numa situação de tensão política e de intolerância que se alastra em todos os segmentos da sociedade. Não podemos permitir que a universidade seja invadida pelas divergências daqueles que vão procurar usar o território da USP para promover suas convicções políticas, partidárias e ideológicas.

A USP não é território de luta partidária a ser conquistado, mas sim local de cogitação acadêmica para gerar ideias e projetos para a sociedade.

Por outro lado, nomeados os novos reitor e vice-reitor, cabe-me o dever de lembrar a toda a comunidade acadêmica que a tradição da USP jamais admitiu examinar o processo eleitoral em termos de *situação* e *oposição*. Aqueles que usam essas abordagens

esquecem ou desconhecem os princípios de governança da nossa universidade.

Na USP não existem partidos, nem “do Reitor” nem “contra o reitor”. Se alguém agride essa tradição octogenária, desrespeita os pressupostos básicos da mais antiga tradição universitária brasileira, a da Universidade de São Paulo, que desde 1934 vem elegendo reitores segundo a prescrição de seu Estatuto e fortalecendo e aperfeiçoando sua governança.

Visões maniqueístas que nos querem dividir em *situação* e *oposição* não fazem qualquer sentido na vida da Universidade. Nossa governança baseia-se na tradição, consolidada no estatuto, de que a liderança política e administrativa da universidade é exercida pelo Reitor, que preside o colegiado maior, o Conselho Universitário. Assim foi por 84 anos, garantindo nossa unidade. Assim continuará sendo.

Ameaças à autonomia e à liberdade existirão sempre. Mas eu sou otimista, não por ingenuidade, mas porque confio nos homens e mulheres desta universidade. Por isso, encerro com versos do poeta mineiro Emílio Moura, que citei recentemente em minha homenagem a Hélio Lourenço de Oliveira. É um poema de *esperança*, tão necessária no passado como é hoje:

*Quando a luz desaparecer de todo,
mergulharei em mim mesmo e te procurarei, lá dentro.*

A beleza é eterna.

A poesia é eterna.

A liberdade é eterna.

Elas subsistem, apesar de tudo.

Viva a USP!